

## CADERNOS ESCOLARES

Definidos em dicionário da língua portuguesa como *um conjunto de folhas de papel cortadas, coladas ou cosidas, formando livro de anotações ou de exercícios escolares*, têm despertado, cada vez mais, o interesse dos pesquisadores que visam compreender os usos do tempo na escola, as diferenças entre o currículo prescrito e o ensinado (CHARTIER, 2003), os modelos femininos transmitidos nas salas de aula (POZO e RAMOS, 2003), a hierarquização das disciplinas que se expressa nos rituais e práticas cotidianas, a função disciplinadora dos exercícios e as práticas avaliativas que se deixam entrever nas correções dos professores (LOPES, 2006), por exemplo. Nas duas últimas décadas, pesquisadores e, em particular, historiadores da educação os tomam como fonte privilegiada para a compreensão da caixa preta da sala de aula e eles passam, segundo Antonio Viñao (2008), a se constituir em fontes complexas (MEDA, MONTINO e SANI, 2010) que figuram em três campos historiográficos relacionados e complementares: a história da infância, a da cultura escrita e a da educação. Dentre os estudos que se voltaram para a escrita escolar e seus suportes, destacam-se o de Dominique Julia (1995), que considera que se constituem em importantes observatórios do conteúdo ensinado, pois permitem examinar os usos do tempo na escola, a dimensão moral que se faz presente nos enunciados dos exercícios de cópia e caligrafia, além de exemplificar como a criança foi construindo o espaço gráfico, o que pode ser visto nos títulos e no respeito às margens e pautas, fazendo com que muito se assemelhem aos livros. A partir deles, Silvina Gvirtz (1997) reconstituiu as práticas escolares, desde as primeiras décadas do último século, o que lhe permitiu evidenciar as operações mais rotineiras no cotidiano escolar que ultrapassavam as reformas educativas, as crenças pedagógicas e os momentos políticos: copiar, traduzir, selecionar, classificar, ordenar, enumerar, completar, separar, compor, relacionar, definir, analisar, resumir, redigir, calcular e resolver. Jean Hébrard (2001), por sua vez, debruçou-se sobre cadernos escolares considerando que, a partir do momento em que a escola francesa não mais se limitou a ensinar a ler, escrever e contar, eles passaram a ser o espaço da escrita no qual o aluno aprendeu a ordenar o espaço gráfico e o tempo destinado às atividades escolares. Coleções brasileiras de cadernos escolares como a *Coleção Cívica*, produzida e distribuída pela centenária Casa Cruz, entre meados da década de 1930 até a metade

da década de 1980, que traziam estampados, nas capas assinadas por Manuel Mora, ilustrador português radicado no Brasil, heróis nacionais, riquezas naturais e símbolos pátrios, indicam que não eram destinados apenas à aprendizagem e exercício da escrita (MIGNOT, 2005.a). Como *O Colegial*, *Caderno Brasil*, *Caderno Universitário*, *Avante*, *Caderno Alvorada*, (PEIXOTO, 2004), a presença de bandeiras, hinos, mapas do território nacional, personagens ilustres, produtos brasileiros se propunham também a cultuar vultos históricos e símbolos nacionais, despertando e cultivando o amor à pátria, o respeito às tradições e a obediência à ordem. Nas capas de cadernos de caligrafia, por sua vez, os nomes dos autores chamam a atenção para o trabalho que requeria um saber especializado. Parecer assinado recomendando a adoção dos cadernos da série *Caligraphia Vertical – novo método de escripta por phraseação*, de 1913, indica que os suportes da escrita escolar não estiveram distantes das prescrições legais. Elas traziam ainda o nome da gráfica, da livraria, da editora ou da papelaria onde haviam sido impressos. Informavam sobre a circulação e, vez por outra, sinalizavam ser exclusividade de alguma instituição de ensino (MIGNOT, 2003). Ao longo do tempo, os cadernos escolares sofreram modificações em função da modernização do parque gráfico, do barateamento do custo do papel, da expansão da indústria caderneira e do aumento substantivo de estudantes nos bancos escolares. Deixaram de ser costurados e colados e passaram a ser grampeados ou espiralados. Desapareceram também das capas os nomes dos autores, as indicações para adoção e a assinatura dos ilustradores que sinalizavam para a importância atribuída aos cadernos escolares, num momento no qual ainda tinham centralidade no processo ensino-aprendizagem (MIGNOT, 2008). Os cadernos escolares à venda, refletem, via de regra, a segmentação da produção em escala industrial, o que pode ser visto em diferentes séries com capas projetadas para públicos diferenciados, com os ídolos que povoam o cotidiano e o imaginário das crianças e jovens. Apesar de tantas mudanças, em tempos de escrita digital, nos cadernos escolares, os alunos ainda aprendem e exercitam a escrita imposta e regulada pela instituição escolar ou transgridem as normas instituídas.

**ANA CHRYSTINA VENANCIO MIGNOT**

CHARTIER, A.M. Travaux d'élèves et cahiers scolaires: l'histoire de l'éducation du côté des pratiques. In: **XII COLOQUIO NACIONAL DE HISTORIA DE LA EDUCACIÓN**, 2003, Burgos. **Anais...** Etnohistoria de la escuela. Burgos: Universidad de Burgos / SEDHE, 2003. p. 23-40.

FERREIRA, A. B. H. **Novo dicionário Aurélio**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1971.

GVIRTZ, S. **Del curriculum prescripto al curriculum enseñado**: uma mirada a los cuadernos de clase. Buenos Aires: Aique, 1997.

HÉBRARD, J. Por uma bibliografia material das escritas ordinárias: o espaço gráfico do caderno escolar (França – séculos XIX-XX). **Revista Brasileira de História da Educação**, jan./jun. 2001, n. 1, p. 115-41.

JULIA, D. Documenti della scrittura infantile in Francia. In: ANTONELLI, Quinto; BECCHI, Egle. **Scritture bambine**: testi infantili tra passato e presente. Roma-Bar, Laterza. 1995, p. 5-24.

LOPES, I. C.R. **Memória e discurso em marcas de correção**: um estudo de cadernos escolares. 2006. Dissertação ( Mestrado em Memória Social e Documentação). UNIRIO, Rio de Janeiro, 2006.

MEDA, J.; MONTINO, D.; SANI, R. **School exercise books**: a complex source for a History of the approach to schooling and education in the 19 th and 20 th centuries. Florence, Italy, 2010.

MIGNOT, A.C. V. **Papéis guardados**. Rio de Janeiro: UERJ: Rede Sirius, 2003.

\_\_\_\_\_. Por trás do balcão: os cadernos da Coleção Cívica da Casa Cruz. In: STEPHANOU, Maria e BASTOS, Maria Helena Câmara (Orgs). **Histórias e Memórias da Educação no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2005, v. 3, p. 263-274.

\_\_\_\_\_. Tangenciando imagens: bastidores da produção dos suportes da escrita escolar. In: OLIVEIRA, Inês B.; ALVES, Nilda ; BARRETO, Rachel Goulart. **Pesquisa em educação**: métodos, temas e linguagens. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p. 177-188.

\_\_\_\_\_. Antes da escrita: uma papelaria na produção e circulação de cadernos escolares, In. \_\_\_\_\_ (Org). *Cadernos à vista: escola, memória e cultura escrita*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

PEIXOTO, A.M. C. Museu da escola: uma leitura em aberto. In: MENEZES, Maria Cristina. *Educação, memória, história: possibilidades, leituras*, Campinas: Mercado de Letras, 2004, p. 265-287.

POZO ANDRÉS, M.M.; RAMOS ZAMORA, S. Los cuadernos de clase como representaciones simbólicas de la cultura escrita escolar. In: *XII COLOQUIO NACIONAL DE HISTORIA DE LA EDUCACIÓN*, 2003, Burgos. *Anais...* Etnohistoria de la escuela. Burgos: Universidad de Burgos / SEDHE, 2003. p. 653-664.

VINÃO FRAGO, A. Os cadernos escolares como fonte histórica: aspectos metodológicos e historiográficos. In: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio. (Org). *Cadernos à vista: escola, memória e cultura escrita*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008, p. 15-34.